

Internacional

**Crise** Com atrasos e corrupção, previsão inicial de US\$ 1,5 bi disparou e acabou em ao menos US\$ 12 bi

# Gasto olímpico grego ilustra a perda de controle das finanças

Vitor Paolozzi  
De São Paulo

A realização das Olimpíadas de 2004 foi determinante para a crise da Grécia? Quando se imagina que hoje cada cidadão grego tem uma parcela de aproximadamente US\$ 45 mil na dívida do país, é quase inevitável especular o quanto que os gastos desenfreados para viabilizar os Jogos de Atenas ajudaram para cavar o buraco atual. E, apesar de a resposta para a pergunta inicial ser não, um exame da aventura olímpica dos gregos serve para ilustrar por que hoje o país está à porta da União Europeia e do FMI com o pires na mão.

O roteiro percorrido de 1997, quando a cidade foi escolhida como sede, até 2004 traz pelo menos duas semelhanças com a organização dos Jogos Pan-Americanos de 2007 no Rio de Janeiro e, ao que tudo indica, com a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016: explosão no orçamento inicial e atrasos nas obras. Até hoje, sete anos após o término dos Jogos de Atenas, não existe um consenso sobre qual foi o valor total gasto.

Em 1997, autoridades gregas e o Comitê Olímpico Internacional

estimaram um custo de aproximadamente US\$ 1,5 bilhão. No final de 2004, o então ministro das Finanças da Grécia, George Alogoskoufis, disse que a conta bateu em US\$ 11,9 bilhões. Em entrevista ao "The Times" londrino em 2009, um ex-integrante do governo, falando anonimamente, disse que o custo foi superior a US\$ 17 bilhões. Mas, com a falta de transparência sobre os gastos, há quem estime que o país torrou 20,25 ou até 30 bilhões de euros.

"No fim, os Jogos não são uma causa fundamental para a dívida grega. Mas talvez o país não devesse ter aceitado fazê-los, porque houve um gasto significativo de dinheiro", diz ao Valor Spyros Economides, professor da London School of Economics.

Victor Matheson, professor de economia na College of the Holy Cross, em Worcester (EUA), e autor de vários estudos sobre o impacto econômico de grandes eventos esportivos, julga que "as Olimpíadas certamente são um reflexo dos problemas que o país como um todo enfrenta".

"Neste momento, a dívida da Grécia em proporção ao PIB é de aproximadamente 110%. As Olimpíadas acrescentaram cerca

de cinco pontos percentuais nisso. Assim, em termos de tamanho total, os Jogos são uma pequena parte do problema. Contudo, eles levaram a gastos perdulários que não foram pagos e que talvez tenham reiniciado o hábito da Grécia de gastar em excesso", diz.

Para Jason Manolopoulos, autor do livro "Greece's Odiious Debt", recém-publicado nos Estados Unidos e no Reino Unido, as Olimpíadas são "apenas mais um exemplo de má administração, corrupção, clientelismo e pensamento de curto prazo".

No ano passado, o ex-ministro dos Transportes Tassos Mantelis admitiu em depoimento ao Parlamento grego ter recebido propina de US\$ 120 mil em 1998 da Siemens. A empresa alemã é suspeita de subornar autoridades gregas para vencer concorrências para equipamentos de segurança empregados na vigilância dos Jogos.

Segundo a revista alemã "Der Spiegel", também a operadora de ferrovias Deutsche Bahn possivelmente recorreu a subornos para ganhar a concorrência de um contrato do metrô de Atenas.

Além da corrupção, os Jogos também forneceram exemplos de ineficiência, má administra-

## Contra o pacote de austeridade



Manifestantes bloquearam ontem o centro de Atenas contra o pacote de austeridade que deve ser votado hoje pelo parlamento grego. O protesto, que reuniu cerca de 20 mil pessoas diante da sede do legislativo, acabou em confronto com batalhões de choque. Sindicatos contrários às medidas

interromperam o funcionamento de vários serviços públicos. Dois ônibus foram incendiados e a fachada de uma unidade do McDonald's, destruída, numa nova mostra do descontentamento de setores da sociedade grega em relação aos novos cortes que o governo socialista pretende fazer. O

contraponto mais eloquente aos protestos veio do presidente do banco central grego, George Provopoulos, que resumiu assim o ponto de vista do governo em defesa da aprovação das medidas: "Seria um crime o parlamento votar contra o pacote, o país estaria votando por seu suicídio".

ção e planejamento falho. Houve atrasos nas obras, o que obrigou gastos extras para terminá-las em tempo. E, hoje, várias das instalações construídas para abrigar as competições estão abandonadas. O pior, no entanto, é que as despesas continuam correndo. No ano passado, a imprensa grega revelou que a agência criada para administrar a Vila Olímpica vem

aumentando desde 2006 o seu número de funcionários, contrariando profissionais como designers gráficos, especialistas em comunicação e psicólogos.

Após a amarga experiência olímpica grega, Manolopoulos e Economides apontam algumas lições para o Brasil. "Um projeto de infraestrutura, como o do metrô, vale mais do que uma cobertura

luxuosa para um estádio", diz Manolopoulos. "O principal é manter os custos tão baixos quanto possível, e não ser extravagante, fazendo construções que serão inúteis. Creio que está ficando cada vez mais difícil justificar para um contribuinte porque se deve promover esses Jogos se eles vão custar uma soma fenomenal de dinheiro", completa Economides.

# Grécia fará megaliquidação, mas haverá compradores?

Charles Forelle  
The Wall Street Journal, de Atenas

A endividada Grécia está prestes a fazer uma megaliquidação.

À venda: quatro jatos Airbus, uma loteria estatal, uma concessão estatal de corridas de cavalo, participações num cassino, vários portos, um correio nacional, duas empresas de saneamento, uma mineradora e fundidora de níquel, uma fabricante de munições, distribuidoras de eletricidade e gás, uma empresa de telecomunicações, ações de meia-dúzia de bancos, centenas de quilômetros de estradas, um aeroporto defunto, velhas instalações esportivas olímpicas e milhares de hectares de terra, inclusive magníficos trechos da celebrada costa grega.

Não era isso que a Grécia tinha em mente quando começou a negociar com demais países da zona do euro e com o Fundo Monetário Internacional (FMI) um segundo pacote de socorro. Mas a turma do resgate está pressionando o país a encontrar dinheiro novo. Vender parte do patrimônio do governo, espera-se, atrairá € 50 bilhões (cerca de US\$ 71 bilhões) até 2015. Cada euro conseguido dessa maneira é um euro que a Alemanha e outros países europeus saudáveis não precisam emprestar.

Mas encontrar compradores para essa salada de ativos provavelmente será bem difícil. Sobram obstáculos, como sindicatos hostis à venda de empresas estatais, cidadãos que se opõem à privatização de terras controladas pelo governo e um labirinto burocrático que há muito freia os potenciais incorporadores.

Para piorar, muitas das propriedades disponíveis já estiveram à venda anos atrás, sem compradores. Desde 2000, a Grécia arrecadou € 10 bilhões com privatizações. Agora precisa obter cinco vezes isso em metade do tempo.

"Os mercados da Grécia, por causa da situação financeira e econômica, não estão agora bons para as vendas", diz Yannis Papantoniou, ex-ministro da Fazenda que hoje chefia um instituto de pesquisas ligado ao Partido Socialista, do governo. "Os preços estão baixos." Alcançar a meta de vendas, prevê, será "uma coisa difícil".

À Grécia só resta tentar. Apesar dos € 110 bilhões que já recebeu, o país está com pouco caixa e precisa de outros € 100 bilhões ou mais

para pagar suas contas. A União Europeia e o FMI condicionaram a nova ajuda à privatização e a cortes de gastos. O Parlamento grego vota hoje o plano de austeridade e de privatização de cinco anos.

O Ministério da Fazenda grego não respondeu a pedidos de entrevista com o diretor de privatização ou outras autoridades ministeriais. Um porta-voz da UE se recusou a discutir a privatização. Autoridades gregas e da UE disseram que é essencial que os gregos deem continuidade ao plano.

Vários dos pacientes europeus que sofrem com dívida soberana estão tentando remédio parecido. Portugal anunciou ontem um amplo plano de privatização. Na Irlanda, uma comissão do governo recomendou em abril a venda de boa parte da distribuidora de eletricidade do país, a privatização de portos, a venda das ações remanescentes da Aer Lingus, a alienação de ativos florestais e de uma empresa que produz energia a partir da turfa, o leilão de direitos de pesca e a venda das operadoras estatais de ônibus turísticos.

Mesmo a Espanha, que está em relativamente melhor forma que os outros três países, planeja vender participações em sua loteria nacional e aeroportos, para o caso de precisar do dinheiro.

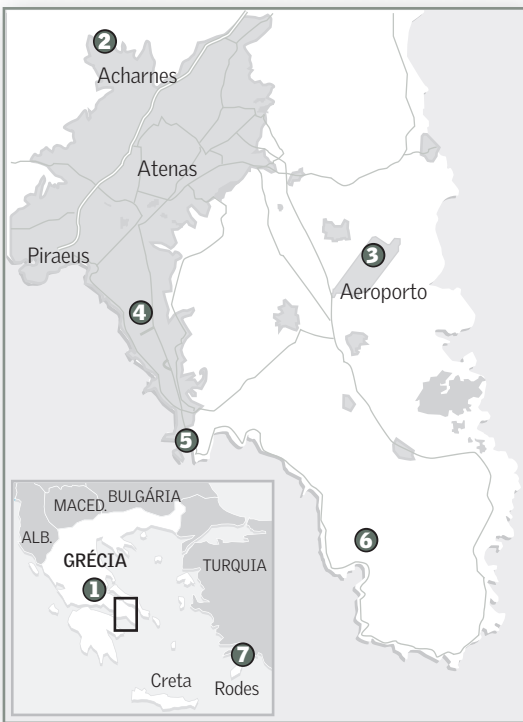
Até o início do ano passado, a Grécia havia estimado que a privatização poderia render, na melhor das hipóteses, de € 1 bilhão a € 2 bilhões por ano. Autoridades da UE solicitaram originalmente apenas 3 bilhões em receita de privatização no período do primeiro socorro, que vai até meados de 2013.

Isso mudou no início de 2011. O esforço da Grécia para elevar a receita tributária foi minado pela evasão fiscal — um problema comum — e por uma profunda recessão, que puniu as pequenas empresas. Para compensar a receita tributária perdida, o pessoal do socorro decidiu pela privatização. Numa entrevista em fevereiro, em Atenas, o diretor do FMI encarregado da Grécia disse que o Fundo e a UE esperavam ver € 50 bilhões arrecadados via privatização.

A UE prevê que o grosso dos € 50 bilhões virá da venda de terras de propriedade do governo. Há isso de sobra. Uma empresa que cobre a maior parte dos imóveis do governo grego conta com cerca de 70 mil propriedades. Entre elas há praias, áreas comerciais em Atenas,

## Grécia à venda

Autoridades europeias pressionam a Grécia a captar € 50 bilhões com a venda de ativos estatais



### Alguns ativos a serem privatizados

- 1 Kamena Vourla - Uma ampla área para camping de frente para o mar com duas fontes de águas naturais
- 2 Cassino Mont Parnes - O Estado tem uma participação numa joint venture com a operadora de resorts Hyatt
- 3 Aeroporto Internacional de Atenas - O aeroporto, que foi aberto em 2001, é controlado pelo Estado
- 4 Aeroporto Hellenikon - Não recebe voos há anos, mas não está distante do centro de Atenas e bem no mar. Contém antigas arenas olímpicas
- 5 Marina Vouliagmeni Reluzente - Marina numa enseada no sul de Atenas. A Grécia afirma que já tem sete ofertas sólidas por uma concessão de 40 anos
- 6 Salina Anavyssos - Parou de produzir sal nos anos 60 e o local está vazio. A praia tem mais de 2 quilômetros de extensão
- 7 Campo de golfe Afandou - Um envelhecido resort de golfena ilha de Rhodes. A Grécia tentou redensolvê-la por três décadas
- 8 OPAP e ODIE - A loteria estatal e casa de apostas e a operadora de corridas de cavalo
- 9 TT Hellenic Postbank - A Grécia quer vender uma participação de 34% no banco, que vale atualmente cerca de 250 milhões
- 10 Ferrovia grega - O controle é estatal

nas, fazendas, edifícios do governo e direitos ferroviários. Alguns anos atrás, o centro de estudos socialista estimou o valor da carteira em cerca de € 300 bilhões.

Mas a Grécia não está exatamente certa do que tem, nem quanto realmente vale agora e se os compradores vão achar que podem desenvolver as propriedades. Milha-

res de terrenos estão ocupados por sem-terra. O governo está contraindo assessores para fazer um registro adequado e estimar valores, processo que pode tomar um ano.

"Há um enorme portfólio estatal que foi acumulado ao longo dos séculos", diz Peter-Panayiotis Mihalos, executivo imobiliário de Atenas. Sua firma, Southeast

Group, está trabalhando para definir preços de milhares de terrenos da ferrovia estatal. Eles estavam avaliados em € 4,6 bilhões em 2005, mas o novo valor deve ser significativamente menor.

O premiê da Grécia, George Papandreu, prometeu que os imóveis estatais a serem privatizados não serão vendidos, mas ofereci-

dos em concessão de longo prazo.

A Grécia teve durante anos problema para ganhar dinheiro com seus imóveis. Mais de uma década atrás, o Estado estabeleceu uma empresa com o propósito específico para administrar — e, ao final, privatizar — a coleção de hotéis, resorts e spas do governo, muitos dos quais têm meio século de existência. A Grécia tentou privatizar parcialmente a empresa ao registrá-la na Bolsa de Atenas, mas a transação fracassou em 2004.

A Hellenic Tourist Properties, ou ETA, como a empresa é conhecida em grego, foi afetada por prejuízos, devidos em parte a baixas contábeis de seus ativos imobiliários.

George Katrougalos, professor de direito que está contestando as privatizações em nome de clientes sindicais e está escrevendo um livro sobre o assunto, mostra-se cético quanto à possibilidade de o governo grego chegar perto de sua meta de vendas. "Cinquenta bilhões de euros", diz, "é uma piada."

Para os potenciais compradores, a utilização dos imóveis é um mergulho num mar de obstáculos.

Número um: com frequência não está claro quem é dono de um terreno. Os registros de imóveis são erráticos. Antes de 1915, era possível adquirir propriedade do governo se o cidadão a tivesse ocupado por tempo longo o bastante, de modo que as pessoas garimpam arquivos antigos em busca de provas de suas posses. "Os tribunais estão inundados não apenas com argumentações legais, mas com história", diz Katrougalos.

Ser dono da propriedade é apenas metade da batalha. As regras de zoneamento são complicadíssimas. A incorporação exige permissão de uma miríade de entidades governamentais — escritórios federais, ministérios, municípios. Um projeto que tem impacto em árvores exige aprovação de autoridades florestais; um no litoral, de autoridades ambientais. Como boa parte das propriedades turísticas mais valorizadas são terrenos de frente para o mar e fundo para florestas, todo mundo se envolve. E as queixas dos cidadãos podem amarrar os processos por anos.

É "um trabalho muito delicado", diz Nikolaos Triantafyllopoulos, da Universidade de Tessália, que trabalha com a ETA.

Leia nas págs B12 e B13 mais conteúdo do THE WALL STREET JOURNAL